

O CONCEITO DE AMIZADE EM ARISTÓTELES: UMA LEITURA DO PONTO 11 (LIVRO VIII) AO PONTO 05 (LIVRO IX) DO LIVRO ÉTICA A NICÔMACO

Solange Alves Sobreira (Bolsista ICV), Zoraida Maria Lopes Feitosa (Orientadora,
Departamento de Filosofia – UFPI)

INTRODUÇÃO: Este trabalho tem por objetivo analisar a comparação que Aristóteles faz entre os diferentes tipos de amizade e as conseqüências que cada uma tem no cotidiano dos cidadãos. Explicitar as espécies de Constituição política e seus desvios, assim como a relação desses desvios com a amizade a partir da leitura do ponto 11 (livro VIII) ao ponto 05 (livro IX) do livro *Ética a Nicômaco*. Antes de Aristóteles, nenhuma teoria fora elaborada para definir-lhe a natureza. A abordagem mais extensa da *philia* pode ser encontrada nos escritos de Aristóteles, especialmente em seu tratado sobre ética, *Ética a Nicômaco*, onde no livro VIII e IX ele faz essa abordagem. Coube a Aristóteles o merecimento de ter resumido o que de melhor o pensamento grego nos legou sobre a amizade. Como veremos, Aristóteles ao tratar da amizade tenta mostrar não só como os homens devem se portar nas relações interpessoais e políticas, mas também a importância que ela possui no sentido de possibilitar a construção de vínculos políticos para favorecer o bem comum.

METODOLOGIA: Nosso plano de ação consistiu, ao longo da investigação em: a) fazer a leitura da obra *Ética a Nicômaco* e de forma mais específica a leitura do ponto 11 (livro VIII) ao ponto 05 (livro IX) desta obra; b) a utilização de alguns comentadores para explicação do conceito de amizade para Aristóteles; c) realização de encontros a fim de esclarecer o andamento da pesquisa; d) E por fim, foi apresentado e discutido em sala de aula o relatório parcial, com a finalidade de mostrar nosso entrosamento com a pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: A preocupação fundamental de Aristóteles, diferente de outros filósofos (principalmente os platônicos), não é com a busca da “amizade em si”, mas de uma amizade que visa o “bem para todos” como algo que é essencial para os amigos e concidadãos, visto que o homem nasceu para a cidadania. Aristóteles distingue três tipos de amizade, que se baseiam na virtude, no agradável e no interesse, estabelecendo uma hierarquia entre eles. Só o primeiro equivale à “amizade perfeita”, ao passo que as outras duas formas são consideradas imperfeitas, acidentais ou instrumentais. Com relação a cada um desses tipos de amizade, alguns são amigos em termos de igualdade e outros em virtude de uma superioridade. Elas acontecem entre iguais e desiguais, sendo que a semelhança é essencial para uma amizade duradoura. A *philia* consiste, essencialmente, em um bem para o homem, já que aparece como uma atividade da alma em consonância com a virtude. E por estar vinculada a esta, além de nobre, a amizade é extremamente necessária à vida em comunidade, pois todas as espécies de amizade envolvem uma forma de associação. Nesse sentido é que a amizade consiste numa relação de convivência, principalmente na *pólis*. O elo que une os cidadãos não é apenas a necessidade e o interesse, mas também a amizade, que se exerce, no plano político, por meio da capacidade e da liberdade de deliberar-se e de agir

em comum. A vida comunitária se baseia no prazer de compartilhar a vida na *pólis* com os demais cidadãos. A função da amizade como elo fundamental entre os cidadãos só é compreensível porque na filosofia aristotélica a idéia de comunidade política compreende o desenvolvimento de um projeto comum dos cidadãos.

CONCLUSÃO: Como podemos perceber, Aristóteles localiza a comunidade na base de toda amizade; ele estende as relações de amizade quase à totalidade de relações humanas, incluindo formas de parentesco, vínculos entre cidadãos na comunidade e relação de hospitalidade. O conceito e o sentido da amizade são determinados pela perspectiva da *pólis*. A amizade civil seria o reflexo da constituição do Estado na vida dos indivíduos; é a constituição do Estado que determina o valor moral da amizade civil. A amizade perfeita, a qual se define pela raridade, só pode crescer no solo da amizade civil; ela cria as condições para a aparição, entre poucos indivíduos, da amizade perfeita. Segundo Aristóteles, não existe uma única, mas várias formas de amizade, constituídas em vários gêneros, numa multiplicidade de significados, diferentes entre si, mas que se relacionam, de uma forma ou de outra, ao bem, princípio que dá origem à amizade segundo a virtude, à qual todas as outras se relacionam. Nessa concepção, mais que uma simples necessidade de ligação afetiva entre as pessoas, a amizade significa essencialmente uma ação virtuosa marcada pela reciprocidade na prática do bem, sobretudo entre aqueles que convivem, principalmente na *pólis*. A amizade constitui um “bem” tanto para a vida prática, quanto para a vida contemplativa, uma vez que, na presença ou na companhia de amigos, é muito mais fácil a finalidade da ação e da contemplação, pois a presença do amigo nos dá a distância necessária que permite determinar o significado e valor pleno das ações boas. Sendo assim, a razão pela qual os indivíduos se reúnem nas cidades, isto é, formam comunidades políticas, não é apenas de viver em comum, mas de “viver bem”. A amizade, portanto, não é parte ou elemento orgânico da *pólis*, como o são a casa de família, por exemplo, mas sim uma forma qualificada de relação no seio da comunidade, que visa, acima de tudo, ao bem propriamente humano. Mas para que o objetivo da “boa vida” possa ser realizado, é necessário que os cidadãos visem ao interesse comum, ou em conjunto ou por intermédio de seus governantes.

PALAVRAS-CHAVES: Amizade. Aristóteles. Cidadãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*; *Poética*/ Aristóteles; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. – São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os pensadores)

BALDINI, Massimo. *Amizade & Filósofos*; tradução Antonio Angonese. Bauru, SP: Edusc, 2000.

KONSTAN, David. *A amizade no mundo clássico*; tradução Marcia Epstein Fiker. – São Paulo: Odysseus Editora, 2005.

MELLO, Claudio A.. A comunidade política e a constituição em Aristóteles. In. *Revista de direito constitucional e internacional*. São Paulo : Revista dos tribunais. Ano 11, n. 45, 175-195, 2003.

MICKLE, Enrique Muñoz. "Alcances a la noción de amistad en Aristóteles". In. *Hypnos : da amizade*. São Paulo : Educ ; Paulus ; Triom, n° 22, 1° semestre 2009. Pp . 61-72.

NETO, Fortunato Monge de Oliveira. "A amizade e a felicidade em Aristóteles". In. *Filosofia, Linguagem, Política : conversações*. Goiânia, maio/2008. Pp. 41-52.

ORTEGA, Francisco. *Genealogias da amizade*. São Paulo :Iluminuras, 2002.

ROCHA, Zeferino. "O amigo, um outro si mesmo : a Philia na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles". In. *Psychê*, ano X ; n° 17. São paulo, (Jan-Jun/2006). Pp. 65-86.

UTZ, Konrad. "A Benevolência na definição Aristotélica da amizade". In. *Hypnos : da amizade*. São Paulo : Educ ; Paulus ; Triom, n° 22, 1° semestre 2009. Pp . 35-60.